

O Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho tomou sobre os ombros a árdua tarefa de nos dar uma edição crítica da obra lírica de Camões; não crítica no sentido de definitiva, o que, de acordo com os dados atuais é tarefa impossível, mas preparatória de uma edição crítica final, se é que essa meta algum dia será atendida.

*Árdua*, dissemos nós, porque, como se sabe, na verdade a parte lírica da criação camoniana ficou inédita em vida do Poeta, se excetuarmos desde logo a *Ode ao conde do Redondo*, publicada em 1563 nos *Colóquios dos simples e drogas*, de Garcia d'Orta, e um soneto e tercetos dedicados a D. Leonis Pereira, que estão na *História da Província Santa Cruz*, de Pero de Magalhães de Gândavo. Os mais são apógrafos, correntes sob a forma de “livros de mão”. De Camões, nenhum autógrafo. O famoso *Parnaso*, a que alude Diogo do Couto na *Década VIII* desapareceu, se é que algum dia existiu. Como saber, portanto, o que pertence realmente ao Camões lírico e qual o texto fidedigno? A posteridade se tem contentado basicamente com a tradição impressa, ou seja, com as edições de 1595 e 1598. Depois disso, as edições seguintes vão se tornando mais volumosas, com indiscriminados acrescentamentos ao acervo lírico do Poeta, do mesmo passo que os textos vão sendo “polidos”, “alterados”, “corrigidos”. Um horror! Houve sem dúvida trabalhos meritórios em Portugal, no sentido de pôr um dique a tantos desacertos. Faltava, porém, um método seguro para a triagem e fixação dos textos. Foi a essa tarefa realmente hercúlea que se propôs Mestre Leodegário, perfeitamente consciente dos percalços da caminhada. Projetou o trabalho para sete volumes, mas o segundo já se desdobrou em dois tomos. Para a empreitada encontrou o apoio editorial da Imprensa Nacional de Lisboa, que está a imprimir a valiosa pesquisa do professor brasileiro (Brasil, Brasil, onde está o incentivo à cultura? De cultura no Brasil quem entende é a Receita Federal). Publicados os primeiros volumes, algumas críticas logo espocaram, nem sempre favoráveis, como sói acontecer com as edições críticas de maneira geral, mormente no caso da lírica de Camões, verdadeira *selva selvaggia* no mundo da Crítica Textual. Mas é preciso saber como se armou o Professor Leodegário para tentar desbravar os fúvios caminhos que levariam a uma séria e proveitosa edição dos poemas camonianos. A tradição impressa, corrompida e proliferada, era de fato insuficiente e suspeitosa. Nova trilha, pois, tinha de ser aberta, e o Prof. Leodegário lançou-se à procura de todos os manuscritos quinhenistas conhecidos, que pudessem conter composições do Poeta, e, com base neles fez e está fazendo colação metodicamente criteriosa com os textos impressos. Dessa tarefa beneditina é que está saindo progressivamente dos prelos a primeira grande edição da *Lírica* de Camões, metodologicamente renovada. Eis um cometimento que honra a cultura luso-brasileira. E, para que não se diga tratar-se de ufania patriótica, vou, como fecho, transcrever as seguintes palavras extraídas do artigo do Prof. José Antônio Sábio, da Espanha, publicado em recente número do jornal *Letras & Letras*, editado no Porto, (agosto 1990), sob o título “A lírica de Camões e a edição de Leodegário A. de Azevedo Filho”:

Superando as bases metodológicas da crítica anterior pela atenção prestada aos manuscritos, pela precisão da argumentação e pelo aprofundamento na questão textual, o professor Leodegário A. de Azevedo Filho inaugurou um novo método de trabalho nas questões de autoria, sobretudo nos problemas de Crítica Textual.

E, finalizando:

Uma edição, por conseguinte, que reinaugura, depois de quatrocentos anos, o estudo da lírica camoniana e que assinala uma nova e feliz data histórica no desenvolvimento da Camonologia.

Sílvio Elia